

DIPLOMACIA ENERGÉTICA CRIATIVA DOS EUA PODE LEVAR A UE A DESBLOQUEAR ATIVOS DA RÚSSIA

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Ativos russos congelados podem se tornar moeda de troca para um acordo energético entre Washington e Moscou, pressionando a Europa, condicionando o apoio à Ucrânia e redesenhando o equilíbrio geopolítico do pós-guerra.

O ministro das Relações Exteriores da Polônia, Radek Sikorski, [declarou de forma enfática](#), durante o Fórum de Segurança de Varsóvia, que os ativos russos congelados na Europa só seriam devolvidos “por cima de nossos cadáveres”. Isso coincidiu com uma reportagem do [Financial Times](#) alegando que “os EUA cogitam descongelar alguns ativos russos para retomar as negociações de paz na Ucrânia”. Enviados especiais de Trump, Steve Witkoff e Jared Kushner, teriam sugerido, na semana anterior, “que esses ativos fossem transferidos para um novo veículo financeiro de propósito específico, supervisionado por Washington”.

Apesar da oposição dos europeus, tal medida ainda poderia ser concretizada por meio de uma diplomacia energética criativa. Em abril de 2025, foi explicado [Como gasodutos e ativos russos confiscados poderiam conferir aos EUA um grande poder de influência sobre a UE](#). A Rússia poderia transferir a propriedade legal de seus ativos congelados na

Europa para os EUA, total ou parcialmente, como pagamento pela compra, em larga escala, de jatos da Boeing, conforme [teria sido discutido](#) na época, e/ou para que os EUA devolvessem os fundos à Rússia em troca de participações em seus gasodutos e/ou empresas de energia.

Esses três *quid pro quo* são atraentes para uma eventual segunda administração Trump, especialmente as duas últimas, à medida que os EUA avançam em sua [parceria estratégica com a Rússia, centrada em recursos naturais negociada há muito tempo](#). Um exemplo disso é o acordo sobre diesel entre os dois países, cuja relevância neste contexto foi explicada aqui. As [notícias mais recentes](#) sobre o interesse dos EUA em adquirir uma participação no gasoduto Nord Stream, o que poderia, futuramente, incluir participações nos gasodutos Yamal e/ou Brotherhood, coincidem com [relatos](#) sobre planos para um grande acordo energético, concebido como parte de um compromisso para encerrar o [conflito na Ucrânia](#).

Em suma, as exportações russas de gás via gasoduto para a Europa poderiam ser retomadas, ajudando a estimular a economia do bloco, que atravessa um declínio (o que, por sua vez, reduz a capacidade do mercado europeu de adquirir bens e serviços dos EUA), desde que os EUA detenham participações nesses projetos, exercendo, assim, uma influência duradoura sobre as relações entre a Rússia e a UE no período pós-guerra. Tais participações poderiam ser viabilizadas por meio da devolução dos fundos russos congelados na Europa: a Rússia transferiria a propriedade legal desses ativos, total ou parcialmente, aos EUA, que, em contrapartida, devolveriam os recursos à Rússia.

Da mesma forma, a continuidade dos ataques de Zelensky contra a infraestrutura energética da Rússia, [desafiando as exigências de Trump](#) para que cessem, poderia ser contida caso os EUA possuíssem participações nas principais empresas de energia russas. Alternativamente, os EUA poderiam justificar a interrupção do fornecimento de armas e informações de inteligência à Ucrânia, sob a alegação de que o país estaria atacando o que, na prática, seriam investimentos norte-americanos. Em qualquer um dos cenários, o conflito provavelmente chegaria ao fim pouco tempo depois. Para alcançar esse desfecho, contudo, os EUA precisariam ter a vontade política necessária para coagir a União Europeia a liberar os fundos russos que tivessem sido, hipoteticamente, transferidos.

Por exemplo, a ameaça de impor tarifas devastadoras e/ou de retirar uma parcela significativa das forças norte-americanas da Europa seria suficiente para levar o bloco a liberar o que, legalmente, passaria a ser considerado como recursos dos EUA. Esses fundos poderiam, então, financiar compras russas de grande escala junto aos EUA e/ou a aquisição, por parte dos EUA, de participações na indústria energética russa. A União

Europeia encontra-se em uma situação econômica precária, e suas elites nutrem um medo patológico da Rússia; portanto, a combinação das ameaças mencionadas deveria bastar para fazer com que o bloco acate as determinações de Trump.

O cenário mais extremo, no qual os EUA cortariam totalmente o apoio à Ucrânia caso Zelensky desobedecesse às ordens de Trump para parar de atacar o que seriam, na prática, investimentos norte-americanos no setor energético russo, somado à imposição de tarifas severas à União Europeia e à retirada em massa das forças dos EUA da Europa, seria insustentável. A Ucrânia entraria em colapso rapidamente, e a União Europeia seguiria um caminho semelhante. Tudo o que Trump precisa fazer é reunir a vontade política necessária para concretizar tais ameaças, e o conflito na Ucrânia chegará ao fim logo em seguida.

****Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
